



# Memórias de uma estudante

Sueli Coutinho de Matos<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Estudante da EJA da Escola Estadual Padre João Afonso

**Descrição abreviada:** O presente trabalho é uma autobiografia de uma estudante da Educação de Jovens e Adultos (EJA) em relação ao aprendizado e o uso das tecnologias digitais.

**Palavras-chave:** Tecnologia digital, EJA, novos aprendizados

Sou Sueli Coutinho de Matos, moro na zona rural do município de São Sebastião do Maranhão-Minas Gerais. Eu nasci e sempre residi na zona rural. Até pouco tempo atrás, década de 80/90 não havia energia elétrica na minha região, todos sonhavam com a chegada da eletricidade na zona rural. Tudo era muito difícil, lembro-me que nessa época meus pais usavam lamparina para iluminar a casa e o combustível que usavam era óleo diesel ou querosene, era horrível, tinha um cheiro muito forte e saía uma fumaça preta que quase intoxicava a gente. Mas a tão sonhada realidade, de se acender uma lâmpada elétrica era algo longe de nosso alcance.

Enquanto a energia elétrica não chegava o que nos restava era ouvir o radinho a pilha e sofremos muito, pois as pilhas duravam pouco. Elas descarregavam muito rápido e a gente tentava de todo jeito recarregá-las mas era em vão. A gente ficava desesperado quando percebíamos que as pilhas aos poucos iam se enfraquecendo a cada hora que passava. A cidade era longe não dava pra comprar outra de imediato. Foram anos e anos assim.

A minha família tinha uma fábrica de farinha de mandioca e como não tinha energia elétrica as mandiocas eram raladas, para a produção da farinha, em rodas de madeira, tocadas a mão, era pesado mas era preciso trabalhar. Lembro-me também que naquela época, em casa tinha um toca disco, que era conhecido como sonata. Esse toca disco animou as festas de família e todos dançavam e se divertiram muito.

Até que enfim, um belo dia, a tão sonhada energia elétrica chegou em minha casa. A primeira mudança, que sempre me recordo, foi a troca da roda de madeira, que era um dos nossos instrumentos de trabalho que exigia mais esforço físico, por um motor



elétrico daí não precisávamos mais daquele sacrifício que antes nos arrancava o suor. A partir de então era só ligar a chave e tudo funcionava com perfeição.

Em seguida ganhei um toca CD da minha tia, ninguém se continha com tanta alegria. Me lembro que os mais velhos de minha família ficavam admirando ao olhar aquele aparelho funcionar, pois ele não só tocava CD, mas era 3 em 1, um toca CD, toca fita e rádio também. E as novidades continuavam, alguns meses depois meu irmão que morava em São Paulo resolveu presentear minha mãe com uma TV nova de 14 polegadas, daí a alegria ficou completa de vez. Mas tinha um pequeno problema, não tínhamos uma antena parabólica, e as imagens da TV eram péssimas, em preto e branco, mesmo assim todos os dias no final da tarde as crianças e jovens da vizinhança viam assistir TV em minha casa, pois era algo novo que não tinha na região.

Recordo-me também que nenhum morador da zona rural conhecia um aparelho celular. Em 2015 colocaram uma antena de celular em cidade próxima. Quando o povo ficou sabendo correram logo para adquirir um celular, era aquele celular de tecla mas tinha gente que não sabia mexer direito, mas todos queriam ter para poder falar com os parentes distantes, mas o sinal do celular não chegava até as nossas casas, como até nos dias atuais ainda falta o sinal de celular em várias moradias na zona rural. Então era preciso escalar morros altos para usar o aparelho. Mas valia a pena, pois não era mais preciso enviar cartas, era difícil de ir até a cidade para postar ou buscar correspondências.

Passados alguns anos ganhei um celular digital, era velhinho, eu tinha muita vontade de ter um daqueles que era só deslizar o dedo, mas o que ganhei funcionava e eu o achava lindo. Imagina a alegria que tive ao saber que aquele aparelho era meu, mas ele não funcionava nenhum aplicativo, só servia para ligação, mas estava bom. Como a alegria de pobre dura pouco, passados alguns dias pedi meu celular, fiquei muito triste mas não havia o que fazer a não ser conformar com a perda.

Após algum tempo consegui comprar um celular um pouco melhor, não era dos mais caros, mas pelo menos era novo e podia usar vários aplicativos de redes sociais. Na verdade esse foi o meu primeiro celular digital, com a ajuda de minhas amigas Renata,



Fernanda, Vicentina, eu fui aprendendo a usar alguns aplicativos, enviar e receber mensagens. Minha sobrinha Denise, sempre me dava algumas aulas e até nos dias atuais ainda preciso de ajuda e vez ou outra ela me socorre, graças a esses anjos fui aprendendo o básico, sobre como navegar no *Facebook* e acessar outras redes sociais.

Nos dias atuais, faço curso de informática, era meu sonho saber usar um computador mesmo que fosse para as coisas mais simples, pois nem sabia ligar um aparelho daquele. O mundo digital sempre foi algo muito longe da minha realidade, confesso que estou contente em estar na EJA, pois é algo que sempre desejei, ter pelo menos o ensino fundamental completo.